

A tragédia do voo da Chapecoense e o *gatekeeper* do *Catraca Livre*¹

Isadora Gomes FLORES²

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Resumo

A convergência das mídias e informações causou impacto no jornalismo tradicional, esta união de tarefas (gravar um vídeo, tirar uma foto e escrever) podendo improvisar em um celular contesta a qualidade final do produto informativo. Afetando o setor profissional e editorial em que o jornalista vivencia, o processo da seleção de informações modifica conforme o desenvolvimento da notícia. Diante disso, este artigo avaliou o papel Gilberto Dimenstein, criador do portal *Catraca Livre* exerceu como um *gatekeeper* a produção da notícia do acidente da chapecoense em suas postagens pelo site.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; chapecoense; catraca livre; teoria do gatekeeper.

Introdução

Este artigo busca compreender como as experiências pessoais e os juízos de valores influenciam na decisão de escolha da notícia, antes de sua publicação e uma reflexão do papel de selecionador de informes. A internet ocasionou diversas vantagens aos meios jornalísticos, como o acesso às fontes, um tratamento mais próximo ao público e criou uma plataforma multimídia, os profissionais da área tiveram que se adunar as tais mudanças. Em contrapartida, algumas informações passam despercebidas, exemplo da apuração da notícia, já que a internet possibilitou uma disseminação maior de conhecimento.

Os jornalistas do século XXI já vêm sendo preparados desde as universidades que, para atender a mudança de hábitos e expectativas do mercado, incluem em suas matrizes curriculares disciplinas sobre jornalismo e as novas mídias. O desafio é preparar estes novos profissionais não apenas para manusear o aparato técnico, mas para lidar com a abundância de informação e processos de produção cada vez mais acelerados. (WEBER, 2010).

¹Trabalho submetido no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

²Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da USFM-FW, email: isadoragflores@gmail.com

Durante o desenvolvimento de uma reportagem ou matéria, os principais passos de um jornalista consistir em escrever o *lide*³, verificar as suas fontes e apurar os fatos sobre o assunto. Segundo Luiz Costa Pereira Junior (2006, p. 73) “ a apuração de informações, a investigação, é a pedra de toque da imprensa, seu álibi, a condição que faz um impresso ser jornalismo, não literatura. É a espinha dorsal do trabalho jornalístico”, desde da organização do texto à escolha do tema a ser abordado, isto passa por julgamentos iniciais do jornalista, até a divulgação final da matéria.

Sabe-se que o jornalista tem um compromisso com a realidade e com o seu leitor, quando o tema é a objetividade do enunciado existem inúmeros conceitos ao redor, para Theodore Glasser (1988), “é apenas uma visão possível do jornalismo e da imprensa” o que se compara com o jornalismo ideal, livre de opiniões, ou seja, totalmente imparcial.

A Teoria

Considerada a primeira Teoria do Jornalismo, a Teoria da Ação Pessoal ou Teoria do *gatekeeper* revelada por Kurt Lewin, psicólogo social, em 1947. Analisou que a passagem das notícias depende dos “*gates*” dentro dos meios de comunicação, os detentores do poder de escolha são regidos por regras imparciais ou por um determinado grupo podendo tomar a decisão de rejeitar ou deixar passar as notícias.

Após a morte de Lewin, David Manning White avançou os estudos sobre esta teoria. Em sua pesquisa realizada em 1950, White esteve uma semana na redação de um jornal de médio porte, nos Estados Unidos, analisando um jornalista que seria o Mr. Gates. Para entender os motivos pelos quais ele determinava qual notícia usaria ou não, a teoria busca explicar como funciona o processo de seleção de notícias, que segundo White, acontece a partir das próprias escolhas do senhor *Gatekeeper*.

Compreender o funcionamento do gate, ainda segundo Lewin, seria equivalente a compreender os factores que determinam as decisões dos gatekeepers, e sugeriu ainda que a primeira tarefa de diagnóstico é a descoberta dos verdadeiros gatekeepers. (WHITE, 1950, p.142).

³ A primeira parte da notícia que consiste em responder cinco perguntas: “ O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porque? ”

O termo *gates* significa “portões”, ou seja, por onde o fluxo de notícias obrigatoriamente passa e é analisada antes do processo final da notícia. Em seu estudo, White acreditou ter sido objetivo em relação à vontade pessoal do *Gatekeeper* (que pode ser o editor, chefe de redação ou proprietário) determina o que será ou não publicado, à medida que o processo de seleção das notícias se oferecia de maneira extremamente subjetiva e pessoal dependendo das expectativas do *gatekeeper*. White (p. 147) escreve que é interessante observar que quanto mais tarde do dia chegavam as notícias, maior era a proporção da anotação “<<sem espaço>> ou <<serviria>>”.

É somente quando analisamos as razões apresentadas pelo <<Mr. Gates>> para a rejeição de quase nove décimos das notícias (na sua procura do décimo para o qual ele tem espaço) que começamos a compreender como a comunicação de <<notícias>> é extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do ‘gatekeeper’. Neste caso particular, os 56 enunciados apresentados podem ser divididos em duas categorias principais: 1) rejeição do incidente devido à sua pouca importância, e 2) seleção a partir de muitos relatos do mesmo acontecimento. (WHITE,1950, p.145).

A teoria também analisa, uma versão bem limitada de quem produz as notícias, ignorando os fatores do contexto em que este jornalista vivencia diariamente dentro da empresa jornalística. Segundo Traquina (2004, p.151) “sendo uma teoria que se baseia no conceito de “seleção”, minimizando outras dimensões importantes do processo de produção das notícias, uma visão limitada do processo de produção de notícias” assim individualizando a função do jornalista e ignorando a compreensão das “forças sociais e o peso da estrutura burocrática da organização” que segundo Gieber (1964) influenciam na produção de notícias.

O Acidente e o caso

No dia 29 de novembro de 2016, ocorreu uma das maiores tragédias do futebol brasileiro. O avião que estava levando jogadores da equipe Associação Chapecoense de Futebol, de Chapecó - região oeste de Santa Catarina, comissão técnica e repórteres para a primeira partida do final da Copa Sul América em Medellín na Colômbia, apresentou uma pane elétrica e caiu quando estava a 30 km de seu destino. Das 77 pessoas à bordo,

71 morreram, restando seis sobreviventes, sendo quatro brasileiros, três jogadores da chapecoense e um radialista.

O acidente aéreo atentou uma comoção mundial, diversos chefes de estados, dirigentes de grandes clubes internacionais, famosos e cidadãos de todos os cantos do mundo prestaram suas homenagens, assim criando a *hashtag* “força chape” sendo o assunto mais procurado nas mídias digitais, no site oficial do time existe um pequeno texto informativo sobre o uso da *hashtag* e um pouco de como aconteceu a tragédia.

O portal online *Catraca Livre* surgiu primeiramente com a ideia de anunciar serviços acessíveis para o grande público. Criado pelo jornalista e escritor Gilberto Dimenstein, ganhador de diversos prêmios internacionais ao longo de sua carreira, com o tempo o site começou a produzir e reproduzir conteúdo jornalístico. “[...] o *Catraca* é uma produção independente, pequeno, na Vila Madalena, hoje o portal tem 28,5 milhões de usuários únicos por mês. A Folha de S.Paulo tem 30 milhões, então compara. No Facebook o nosso alcance é 87 milhões de pessoas, quase toda a internet brasileira. Virou uma escravidão, de certa forma”.⁴

Logo após do acidente do voo da chapecoense, vários meios de comunicação manifestaram-se prestando solidariedade à tragédia. Algumas horas depois o site *Catraca Livre* publicou três matérias pertinentes com o acontecimento, porém o conteúdo das informações apresentou uma repercussão negativa de seu público, principalmente pelo *Facebook*, o primeiro compartilhamento foi o seguinte:

Imagem 1: Foto da primeira publicação



Fonte: Foto retirada do *Facebook* do *Catraca Livre*

⁴ Disponível no link: <http://projeto draft.com/catraca-livre-a-cidadania-pop-de-gilberto-dimenstein/>

A partir desta publicação diversos seguidores do site iniciaram uma série de comentários negativos contra os posts da página que conseqüentemente, perdeu mais de 30 mil seguidores em algumas horas. A reivindicação mais comum entre os comentários dos internautas era a falta de sensibilidade do portal perante à tragédia que teve uma comoção internacional, aparentando que o site queria ser visível, ou seja, ganhar notabilidade em relação à tragédia “[..]este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de o acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação.” (TRAQUINA, 2004, p.80), porém isso não impediu que o portal publicasse mais duas matérias relacionadas com o acidente da chapecoense:

Imagem 2: Segunda publicação do Catraca



Fonte: Foto retirada do *Facebook* do *Catraca Livre*

Imagem 3: Terceira publicação do site em sua página



Fonte: Foto retirada do *Facebook* do *Catraca Livre*

Por fim, a última postagem do site com o assunto de “como perder o medo de andar de avião” notou-se que em todas as publicações, no período de uma hora de diferença, a semelhança entre elas é o acidente da chapecoense. Alguns portais de comunicação como a *Gazeta do Povo*, *Revista Fórum* e o *IG*, criticaram fortemente a posição do portal *Catraca Livre* em relação às publicações alguns denominando o site de sensacionalista em relação à cobertura do caso:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensionado o fato. (ANGRIMANI, 1995, p.16).

O ápice desta história adveio quando, algumas horas depois das postagens em relação ao acidente, o *Catraca Livre* em sua página do *Facebook*, divulgou uma foto com fundo preto, centralizado na cor branca com a frase “Meu erro”. O criador do portal Gilberto Dimenstein redigiu uma nota e a publicou em seu perfil pessoal compartilhando também na página do site, em relação às inconveniências cometidas, apontando a culpa para si:

A responsabilidade pelo erro em relação às reportagens sobre o Chapecoense tem um nome e sobrenome: Gilberto Dimenstein, criador do *Catraca Livre*.

Ninguém participou da decisão, exceto eu. Ganhei todos os prêmios possíveis como escritor e jornalista – e aprendi que pior do que errar é não reconhecer o erro. Aliás, toda a redação foi contra e, numa conversa franca, expuseram suas discordâncias. Aprendi que errar é uma fonte de aprendizado enorme.

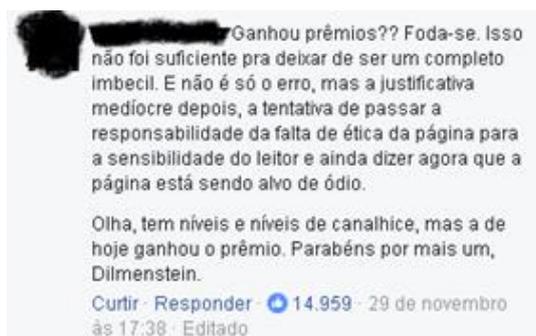
Portanto, peço desculpas se as reportagens feriram as pessoas. E se tiverem que culpar alguém, apontem apenas para mim. Espero, assim, ser melhor do fui.⁵

A nota divulgada pelo fundador do *Catraca Livre* também refletiu de forma negativa, o público criticava agora, a postura de Dimenstein. Manifestado por meio de comentários na publicação da nota e que repercutiu em diversos outros portais online, o jornalista e fundador do site *Diário do Centro do Mundo*, Paulo Nogueira comparou Gilberto Dimenstein com Luís 14 e sua frase clássica “o Estado sou eu”, alguns comentários na nota emitida pelo fundador do *Catraca Livre*.

⁵Disponível no link:

<https://www.facebook.com/CatracaLivre/photos/a.150583244978695.23592.145632722140414/1432751656761841/?type=3&theater>

Imagem 4: Comentário ironizando os prêmios de Gilberto Dimenstein



Fonte: Comentário retirado da página do *Catraca Livre*

Imagem 5: Comentário na nota de Gilberto Dimenstein



Fonte: Comentário retirado da página do *Catraca Livre*

Análise

Com toda a repercussão negativa das publicações e da nota de esclarecimento, percebe-se que Gilberto Dimenstein é o nosso Mr.Gates. Por ser responsável pela decisão final dentro da redação, admitindo assim quando assumiu a culpa pelas falhas das publicações sobre o acidente. Ao avaliar as publicações do *Catraca Livre*, pode-se questionar que critério esta notícia constitui para estar ali. Há uma hierarquia na seleção de notícias dentro das redações jornalísticas, as matérias possuem valores e têm juízo crítico que as determinam serem publicadas ou não.

Com efeito, a ideologia partilhada pelos jornalistas refere muitas vezes o chamado “interesse jornalístico”, “interesse noticioso” ou “noticiabilidade”. Quais são os critérios que assegurem, garantem e respondem por essa a alegada noticiabilidade? Será que estes critérios são elementos cognitivos orientadores da criação de frames, uma espécie de codificação dos elementos que permitem incluir ou excluir a porção de realidade com que nos confrontamos? (CORREIA,2009, p.120).

Os valores-notícias recebem um tratamento distinto dentro da redação quanto à espaço e tempo. No conceito da Teoria da Indústria Cultural que une o jornalismo com o capitalismo a empresa jornalística irá noticiar aquilo que venderá mais e ao mesmo tempo acarretará lucro. Sendo assim as notícias se tornam mercadorias para o público que beneficiará a empresa de alguma maneira, “as características substantivas das notícias: ao seu conteúdo; a disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; a concorrência.” (WOLF, 1995 p.179).

Ao chegar na redação as informações passam por análises de outros profissionais, o repórter deve levar em consideração para a seleção da notícia, o espaço editorial do texto, a veracidade, relação com as fontes, qualidade linguística do texto, a ética jornalística e a importância da notícia para a sociedade e para a empresa, “A seleção, portanto, se estende redação adentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar.” (SILVA, 2005)

O termo sensacionalismo equivale a pejorativo quando usado para delatar algum repórter ou uma organização jornalística pela matéria apresentada, o público entende que um meio de comunicação sensacionalista é aquele que não tem compromisso com a verdade. Em seu livro publicado “Espreme que sai sangue” (1995), Danilo Angrimani Sobrinho busca por meio de alguns casos considerados escandalosos para a época, entender a mídia brasileira e a sociedade que consome esse tipo de jornalismo.

Se um jornal (telejornal, ou radiojornal) é tachado de sensacionalista, significa para o público que o meio não atendeu às suas expectativas. Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo - que são acontecimentos isolados e que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum. (ANGRIMANI,1995, p.14).

O discurso sensacionalista tem um estilo próprio, de caráter chamativo, opinativo e qualitativo. Deixando o leitor com dúvida em relação à veracidade da empresa de comunicação, criando uma objetividade em cima de chamadas, capas e fotos, “produz um conhecimento do senso comum que se traduz, na página do jornal, num tratamento avaliativo e preconceituoso dos acontecimentos e da informação” (PEDROSO, 2001).

O seguinte trabalho avaliou a posição do fundador do site *Catraca Livre* quando emitiu a sua nota de esclarecimento em relação à tragédia. Quando Gilberto Dimenstein

escreveu em sua nota “Ninguém participou da decisão, exceto eu” confirmou que ele determina, sozinho, o que será publicado.

White escreve em seu estudo (1950) que o primeiro portão de seleção para a notícia é o repórter que está na hora do fato, determinando se é importante ou não, assim que entra na redação, a notícia passa pelas mãos do *gatekeeper* principal, o chefe, “ em muitos aspectos, ele é o *gatekeeper* mais importante de todos, pois se rejeitar uma notícia, o trabalho de todos aqueles que o precederam, relatando-o e transmitindo-o, fica reduzido a zero.” (WHITE, 1950, p. 143).

Chama atenção na nota também, o seguinte trecho: “Aliás, toda a redação foi contra e, numa conversa franca, expuseram suas discordâncias” mesmo tendo opiniões contrárias à sua, porque Dimenstein seguiu em frente com este tipo de notícia? Segundo White (1950) o processo das notícias é “subjetivo e arbitrário” pois o *gatekeeper* baseia-se em suas expectativas, experiências e atitudes, aferindo se o material apresentado pelo repórter é relevante para o público-alvo do meio de comunicação de massa.

White (1950) escreveu uma análise sobre o seu *gatekeeper*, que tem entre 40 anos de idade e 25 anos de experiência como repórter, o autor realizou algumas perguntas sobre a seleção e a rejeição das notícias na semana em que ficou na redação, umas delas é se o Mr. Gates tem preconceito que possam influenciar na hora da escolha da notícia, a resposta foi a seguinte:

(...) no que diz respeito às preferências, prefiro as <<estórias>> de interesse humano. As minhas outras preferências vão para as notícias bem compostas e talhadas para servir as nossas necessidades (ou adequadas às nossas políticas editoriais). (WHITE, 1950, p.150)

Evidenciando, o caso do *Catraca Livre* em relação à tragédia da chapecoense, é uma demonstração que os valores-notícias no jornalismo digital, muitas vezes são tratadas como mercadoria, pois a cada *like* é revertido em dinheiro para a empresa que administra a página do *Facebook*, assim chamando o público, que não são seguidores, a acessar a notícia ou a página para alcançar o almejado lucro ou atenção da sociedade.

Considerações Finais

Em todos os jornais há uma política editorial que precisa ser seguido com austeridade pelos repórteres e colaboradores, caso determinado jornalista contrariar a

decisão de seu superior ou o editorial do jornal corre grandes riscos de ser demitido da empresa, “[...] o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprenda a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades” (BREED, -apud TRAQUINA, 2001, p.72).

Atualmente a Teoria do *gatekeeper* pode parecer descomunal, se refletir como que uma única pessoa poderia ser o filtro do todo o conteúdo jornalístico de uma organização comunicacional, baseando-se em seus interesses pessoais e ideologias. Porém, as publicações do portal *Catraca Livre*, e principalmente o posicionamento de Dimenstein admitem como a teoria ainda pode ser atual, “Ou seja, valores-notícia seriam causa e consequência da seleção.” (SILVA,2004, p.106)

Sendo assim, decidir o que será publicado ou não, estabelece uma enorme responsabilidade, mas alguns *gatekeepers* de redação visam apenas o benefício que a notícia poderá acarretar, neste caso em específico, notou-se que o criador do *Catraca Livre* não demonstrou remorso e nem solidariedade aos familiares das vítimas do acidente após as críticas que teve, pois para ele é do mesmo modo que se faz jornalismo noticiando uma distorção do fato.

Referências

- ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Ed.Summus, 1995.
- BREED, W. **Controle social na redação**. Uma análise funcional. In: TRAQUINA, N. (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Ed.Vega,1993. p.152-156.
- CORREIA, João Carlos. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso**. Notas sobre Jornalismo e representações sociais. Covilhã: Ed. LabCom, 2009.
- GIEBER, Walter. News is what newspapermen make it. In: LEWIS, A, Dexter; WHITE, David Manning. **People, society and Mass Communication**. New York, 1964.
- GLASSER, Theodore L. and James S. Ettema, "**The Newspaper Ombudsman and the Limits of Self-Criticism**." A paper presented to the Newspaper Division of the Association for Education in Journalism and Mass Communication, Portland, Oregon, 1988.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis, RJ: Ed.Vozes, 2006.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Ed. Annablume, 2001.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. 2005.

Disponível em: < <http://200.144.189.42/ojs/index.php/estudos/article/viewFile/5931/5402> >
Acesso em: 15 de abril de 2017.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

_____, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Volume I – Porque as notícias são como são. Florianópolis: 2. Ed. Insular, 2004.

_____, **Teorias do Jornalismo** - Porque as notícias são como são. Florianópolis: 2.Ed Insular, 2005.

WEBER, Carolina. **Gatekeeper e gatwatching** – repensando a função de selecionador no webjornalismo. Trabalho apresentado no DT 05 – Comunicação Multimídia, no X encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0493-1.pdf>
Acesso em: 15 de abril de 2017.

WHITE, D. M. «**The "Gatekeeper"**. A Case Study in the Selection of News», Journalism Quarterly, vol. 27, 1950.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Presença, 1995(1985).